

# 1

## Introdução

Propomos neste trabalho elaborar uma reflexão sobre os eixos do cuidado envolvidos nas relações entre os bebês e seus agentes cuidadores. Nossa proposta considera as diferenças entre o cuidado materno e o cuidado profissional para desenvolver um trabalho de intervenção na dinâmica relacional do berçário de uma instituição de Educação Infantil. A intervenção visa à detecção e à prevenção de sinais de risco de desenvolvimento infantil em bebês, a partir de um modelo clínico de trabalho. Atualmente a inserção dos bebês em ambientes coletivos de cuidado, onde o grupo promove subjetivação, é cada dia mais precoce. Até que ponto esta mudança cultural e social afeta o desenvolvimento infantil? As pesquisas atuais sobre desenvolvimento apresentam um bebê ativo desde o nascimento, com habilidades inatas de perceber e organizar as sensações, o que demonstra a capacidade do bebê interagir ativamente com seu entorno e afetar emocionalmente o adulto com quem se relaciona. No entanto, estudos comprovam a participação do meio ambiente afetivo para que se dê o desenvolvimento emocional e neurológico do bebê.

Através deste trabalho pretendemos contribuir para a construção de modelos de intervenção precoce e favorecer a qualidade dos serviços de atendimento à primeira infância. A prevenção de sinais de risco de desenvolvimento se encontra no centro do trabalho de atuação dos pesquisadores e conduz as intervenções em direção à saúde do bebê e dos agentes de cuidado. É com base na psicanálise e em algumas considerações sobre o desenvolvimento infantil, que pretendemos construir a reflexão deste trabalho sobre os eixos do cuidado na primeira infância. Algumas questões norteiam a reflexão e contribuem para as intervenções com os bebês e seus agentes cuidadores. Como prover um ambiente suficientemente bom, com qualidade emocional, considerando as particularidades do ambiente institucional? Qual é o lugar do bebê na subjetividade do agente cuidador? É possível transformar sinais de sofrimento psíquico no bebê, sem se apoiar em sua história familiar?

Para construir a argumentação e o enquadre da intervenção, utilizamos instrumentos clínicos como o holding, o equilíbrio dinâmico entre presença implicada

e presença em reserva, a prática de 'fazer sentido' e a narratividade, com o objetivo de investigar possíveis influências de modificações no ambiente de cuidados na subjetivação dos bebês. Para construir a investigação e identificar as sutilezas da relação de cuidado, apresentamos autores como Winnicott, Figueiredo e Golse. Algumas considerações de D. Stern sobre o desenvolvimento infantil, como os afetos de vitalidade, o momento presente e a intersubjetividade, servem de base para trabalhar aspectos fundamentais da interação do bebê com os adultos e o meio ambiente que o cercam nos primeiros meses de vida. O método desenvolvido na intervenção é inspirado na observação de bebês, elaborada por Esther Bick, e adaptada para os moldes do trabalho na instituição. As observações das expressões corporais do bebê, ao longo de um ano de trabalho, demonstram os efeitos constitutivos da inserção do bebê em um ambiente de cuidados com atenção psíquica, ritmo e narratividade.

Um modelo de intervenção precoce pressupõe a consideração de elementos do instrumental clínico para afinar a sensibilidade dos pesquisadores e contribuir para o trabalho. As observações atentas, aliadas à participação emocional do observador permitem aos bebês a construção de relações asseguradoras com o ambiente, o que favorece a integração das experiências vividas pelos bebês e também pelos agentes de cuidados. As observações nos levaram a analisar e elaborar possíveis intervenções, não só com os bebês, mas principalmente com seus agentes cuidadores, com o objetivo de valorizar seu trabalho diário com os bebês e, fornecer aos bebês parceiros interativos com vitalidade e intensidade emocional. Observamos que cada bebê recebe e responde aos cuidados profissionais de uma forma particular, diretamente ligada a sua história pessoal e em estreita relação com o cuidado materno. As observações serviram de material de trabalho para construirmos uma análise do cuidado oferecido aos bebês, identificando as sutilezas das interações e criando formas de intervenção para prevenir riscos de desenvolvimento infantil.

Para responder a estas questões, apresentamos no primeiro capítulo considerações sobre alguns aspectos essenciais da relação de cuidado estabelecida entre bebê e agente cuidador. Relacionamos aspectos do desenvolvimento infantil, como algumas habilidades de percepção amodal e consciência, descritas por Rochat e

Striano (2001, 2003), que apontam os bebês como parceiros ativos nas interações com o entorno e capazes de se comunicar com o adulto através de sua narrativa corporal (Golse e Desjardins, 2004). A dimensão não-verbal da comunicação com o bebê introduz na relação elementos sensíveis e sentimentos ambivalentes que influenciam diretamente na qualidade do cuidado. Construimos uma reflexão através de perspectivas clínicas para demonstrar algumas sutilezas da relação de cuidado que se constrói entre um bebê e seu agente cuidador, onde a observação e a experiência emocional auxiliam na co-construção da narratividade.

Golse (2003) marca a importância de se construir junto com o bebê sua história relacional e favorecer seu desenvolvimento emocional. Figueiredo fundamenta os eixos do cuidado considerando de extrema importância o equilíbrio dinâmico entre presença implicada e presença em reserva do agente de cuidados. Como inspiração para o método de trabalho com bebês, apresentamos o modelo Lóczy, onde os efeitos de uma relação de qualidade se fazem presentes no processo de desenvolvimento dos bebês. Para descrever os eixos do cuidado com os bebês em Lóczy, apresentamos uma interessante discussão de Judith Falk e Myriam David, sobre a natureza da relação de cuidado profissional.

No segundo capítulo, apresentamos o trabalho de intervenção na instituição através de exemplos clínicos e reflexões sobre os eixos do cuidado. As observações dos pesquisadores servem de base para analisar a relação dos bebês com seus agentes cuidadores. O percurso desenvolvido tem como fundamento a construção de um modelo de atuação com base psicanalítica e visa apresentar vertentes de trabalho que atuam nas relações de cuidado. O modelo de intervenção exige a prática de 'fazer sentido', que segundo Figueiredo, equivale à construção da integração das experiências. Durante todo o trabalho nossas intervenções se deram com foco no momento presente, apresentado por D. Stern como experiências subjetivas que provocam mudanças na psicoterapia e nos relacionamentos da vida cotidiana. Compartilhar o momento presente tornou-se um instrumento de trabalho essencial na relação com os bebês e com os adultos. Winnicott e Figueiredo dão continuidade às reflexões sobre o enquadre da intervenção, na medida em que demonstram a importância da mutualidade nas relações de cuidado.

No terceiro capítulo, apresentamos uma reflexão sobre a narratividade, apontando diferentes dimensões observadas no processo de constituição psíquica do bebê. Nos apoiamos em Golse para fundamentar a noção de narratividade, que permite ao bebê transformar uma vivência passiva, como um encontro visual com a mãe, em uma ação em seu próprio corpo, por exemplo, juntar as mãos no centro do corpo. Através de fragmentos de observação, construímos uma reflexão para elaborar os eixos do cuidado na relação intersubjetiva entre o bebê e seus agentes cuidadores, com o objetivo principal de minimizar os sinais de risco no desenvolvimento emocional, social e cognitivo do bebê. Para construir a intervenção com o bebê de 10 meses, procuramos delinear um modelo de atuação voltado para a comunicação não verbal, através de elementos primordiais da narrativa corporal do bebê. As observações de suas expressões corporais contribuíram para atuar a partir do que é trazido pelo bebê, tendo como instrumento de trabalho o momento presente. Autores como Stern, Winnicott, Anzieu e Haag forneceram elementos necessários à construção do enquadre terapêutico com o bebê e à construção de um eixo essencial da narratividade - a continuidade da experiência.

As dimensões da narratividade emergem no dia a dia das interações com o bebê e estão em constante movimento, por isso devem ser revisitadas a cada novo encontro. Propomos pensar a intervenção como um espaço, onde a ética do cuidado se faz presente e conduz a atuação dos pesquisadores a partir do que é próprio e específico da relação construída ali, respeitando o tempo e o espaço do outro para compartilhar com qualidade emocional. O fio condutor da narratividade é um processo espontâneo e criativo, no entanto é fundamental manter a sustentação do enquadre proposto pela intervenção e, assim contribuir para o desenvolvimento saudável dos bebês.